

Bruno Félix

# A MENINA E O EQUILIBRISTA

a história de um milagre





EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Corj

REVISÃO  
Cláudia Zanin

ILUSTRAÇÕES  
Arthur F. Pádua

CAPA E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

F316M      FÉLIX, BRUNO. 1983-  
A MENINA E O EQUILIBRISTA – A HISTÓRIA DE UM MILAGRE /  
BRUNO FÉLIX. -  
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

184 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-165-4

I. ROMANCE I. TÍTULO

CDD.: B869.3

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## I – O Equilibrista

Regra número um dos suicidas: quem realmente vai se matar não comunica sua intenção a ninguém. Em uma quarta-feira qualquer, pela manhã, sai silenciosamente de sua casa e coloca fim a sua inútil existência humana. Um suicida bem-sucedido (se é que podemos classificar como sucesso alguém lograr êxito em morrer) além de não fazer anúncio de seu terrível projeto, obedece à regra número dois: escolher um método que não permita retorno, falha ou perda da força de agir. Por exemplo: caso o suicida opte por se matar com overdose de algum remédio, ou ingerindo veneno, deve primeiro certificar-se de que a dose a ser ingerida será letal. Ou ainda: uma pessoa que sente pavor ao ver sangue, provavelmente fracassará se escolher o método de cortar os próprios pulsos. Pelo mesmo motivo, um indivíduo que sofra de acrofobia não deve tentar se matar saltando de um prédio ou uma ponte. Esse não era o meu caso.

Foi assim que me surpreendi naquela manhã morna de outubro, a olhar fixamente os carros que passavam

embaixo do viaduto. Tenho que cuidar para que não leve mais ninguém comigo, pensei, enquanto calculava o risco de cair sobre algum carro e matar mais alguém. Confesso que fiquei surpreso com esse tipo de cautela, pois um dos principais argumentos que utilizei para me convencer de tal decisão foi o de acreditar que o ser humano não passa de um animal que teima em crer na vida após a morte, caminhando inexoravelmente para o mesmo fim, independentemente de sua conduta.

Lancei meu olhar pela última vez ao céu. Cinza. Olhei novamente para baixo e agora era como se eu enxergasse tudo em branco e preto e, após as cores darem lugar ao cinza, as formas tornaram-se vultos. Soltei o ar que prendia em meus pulmões e senti os batimentos cardíacos calmos. Como eu esperava: o desgosto pela vida é tamanho que meu organismo sequer produz adrenalina. Pensando nisso, fechei os olhos e comecei a inclinar meu corpo lentamente para frente.

– Senhor! Cuidado! O senhor vai acabar caindo!  
– uma voz de menina quase aos gritos me interrompeu. A curiosidade me fez pensar em adiar meus planos em um único minuto, apenas para verificar como é doce a ingenuidade de uma criança. Ainda sobre a mureta da ponte, abaixei meus braços e olhei para o lado de onde vinha a voz. Uma garotinha, provavelmente de sete anos de idade, me olhava com curiosidade, como se tentasse entender por que um adulto se comportava de maneira tão estranha. Com os pés fixos ao chão, girava o corpinho de um lado para o outro, abraçada com um caderno rosa. O vestidinho

branco contrastava com sua pele negra tão perfeita que mais parecia a de uma boneca.

Desci da mureta e olhei em volta. Não havia pedestres naquele local às 06h20min. A garotinha olhava curiosa e impaciente:

– Oi! O senhor está legal?

– Sim. O que faz aqui essa hora?

– Nada. Estou passeando.

– Sozinha?

– Sim. E o senhor, o que fazia na beirada da ponte?

– Sou equilibrista – improvisei, fingindo bom humor, para não assustar a menina.

– Ah... Tudo bem. Mas cuidado com as pontes. Uma vez eu vi na televisão que uma mulher caiu da ponte e quase morreu. Não sei se ela também era equilibrista...

Quase morreu. Na hora me lembrei de que ainda estava vivo por desrespeitar a regra número três, ou seja, pensei demais. Um bom suicida deve agir rápido. Meu erro foi justamente ter feito uma pausa para devaneios no momento crucial. Quanto à ponte escolhida, tenho certeza de que se enquadra perfeitamente nos quesitos da regra dois.

– O senhor pensa muito para falar. Meu nome é Angelina – disse a garota estendendo a mão direita.

– Prazer. Meu nome é Antônio – respondi enquanto apertava a mão dela – Mas acho que agora é melhor você continuar seu passeio. Obrigado.

– Não posso. Vou ficar aqui um pouquinho... Posso ficar vendo o senhor se equilibrar?

– Melhor não.

– O senhor não tem cara de alguém que trabalha no circo...

– Mas eu não trabalho no circo! Por acaso falei que trabalho no circo?

– Você é legal.

– Ah, é? E por que você me acha legal?

– Porque quase todos os adultos que conheci até hoje só fazem coisas de ganhar dinheiro, sabe? Mas você falou que é equilibrista. Então, se você não trabalha em um circo, isso quer dizer que você não sai por aí se equilibrando para ganhar dinheiro, senão você se equilibraria em um circo! Você se equilibra porque gosta de se equilibrar! As pessoas legais são assim...

– Você é muito inteligente, Angelina.

– Obrigada! – agradeceu abrindo um lindo sorriso

– Ah, já sei! Antes de ficar sozinho se equilibrando, você pode me ajudar!

– Sinto muito, mas estou indo embora. Esse é meu último dia por aqui...

– Então você é igual aos outros. Todos são uns chatos, sabe? Ninguém mais pensa em ajudar. Na creche eu aprendi que estamos em um mundo onde as pessoas só olham para o próprio umbigo. Quando cheguei aqui, você estava olhando para cima. Até pensei que você fosse diferente... Mas de repente você começou a olhar para baixo, aposto que era pro seu umbigo. Se eu não gritasse, era perigoso até você cair, tão distraído que estava – ela parecia furiosa.

– E qual é a ajuda que você quer? Já sei, fugiu de casa ou da creche e está perdida e com fome.

– Não.

– O que foi então?

– Promete que ajuda?

– Prometo, se for rapidinho – Eu faria qualquer coisa para me livrar dela e me matar em paz.

– Oba! – Angelina dava pulinhos de alegria – Preciso chegar até o outro lado da ponte! Me acompanha até lá? – disse apontando o dedo para o final do viaduto.

– Só isso?

– Sim. É difícil?

– Não. É que, basta você continuar andando na direção que você quer.

– Mas eu tenho medo de ir sozinha. O que para você parece fácil, para outras pessoas pode ser bastante difícil.

– E como você chegou ao meio da ponte sozinha, se acha difícil?

– Sabe, eu vim até onde minha coragem deixou. Eu tenho medo de altura, mas estava conseguindo. Então de repente eu vi você na beirada e lembrei que eu também estava em uma ponte alta. Fiquei com medo e agora não consigo ir nem para frente, nem para trás...

– Sei bem o que você sente... – respondi refletindo sobre o ponto ao qual minha vida havia chegado.

– Me ajuda? – Angelina perguntou com lágrimas nos olhos.

– Claro. Não se preocupe.

– Obrigada, Antônio! Você salvou minha vida! – disse ela enquanto segurava minha mão e começávamos a caminhar.

## II – O menino e o caderno

Caminhamos devagar em total silêncio. A alguns passos do final da ponte, Angelina parou e me disse olhando nos olhos:

– Sabe Antônio, até aqui acho que já está bom. Já me sinto segura.

– Tudo bem. Mas você não me disse ainda o que precisava fazer desse lado da ponte. Não é seguro para uma criança sair assim, sozinha, pelas ruas de uma cidade tão grande. Aliás, nenhum lugar é seguro para uma criança andar sozinha, Angelina.

– Não é seguro mesmo! Aprendi tantas regras na creche, mas sempre acabo desobedecendo. Sabe qual é a regra número um?

– Acho que é não contar para ninguém os seus planos... – respondi ironizando a mim mesmo.

– Não! A regra número um é nunca aceitar nada de pessoas estranhas. Isso inclui ajuda, passeio de mãos dadas, carona e um monte de outras coisas.

– Imagino que você tenha transgredido essa regra, Angelina.

– Transgredido? O que isso quer dizer?  
– Desobedecido, desrespeitado a regra.  
– Pode até ser. Mas se for assim, o senhor também transgrediu alguma regra.

– Você acha?  
– Sim. Porque se você caísse da ponte, sua esposa ficaria triste. Não existe uma regra para equilibristas terem mais cuidado e morrerem menos?

De repente me dei conta de que ainda estava de aliança. Que garota esperta! Aconteceram tantas reviravoltas em minha vida neste último mês que nem me atentei a esse detalhe. Procurei mudar de assunto enquanto olhava em volta, estranhando a calma que pairava na cidade:

– Aonde você vai agora, Angelina? Você ainda não me respondeu o que veio fazer desse lado da ponte.

– Estou procurando um menino.

– Sim. Que menino?

– Não sei o nome. Mas ele pegou o meu caderno por engano. Então eu comprei este caderno aqui, que é bem mais bonito que o meu, para dar de presente a ele, porque pode ser que ele estivesse precisando muito de um caderno, sabe? Talvez não tenha sido assim por engano...

– Você tem um coração bom, Angelina. Mas me responda uma coisa: onde estão seus pais?

– No céu, eu espero!

– Onde você conseguiu dinheiro para comprar esse caderno?

– Você pergunta demais.



[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)



[editorapenalux@gmail.com](mailto:editorapenalux@gmail.com)



[penaluxeditora](https://www.facebook.com/penaluxeditora)